

## A ausência de doença e o conceito de saúde entre os gregos antigos

Wilson A. Ribeiro Jr.\*  
Universidade de São Paulo  
Brasil

RESUMO. A Organização Mundial de Saúde (OMS) enfatiza em sua carta constituinte que saúde não é apenas a ausência de doença ou de enfermidade, em contraposição ao antigo conceito de que saúde envolve tão-somente a ausência de doenças. Entre os gregos, o binômio “saúde = ausência de doença” foi abordado tanto pelos filósofos pré-socráticos e pelos médicos que escreveram os textos do *corpus hippocraticum* como por intelectuais leigos, não versados em medicina. Entre as noções não-sistematizadas transmitidas pelos leigos, discutidas no presente artigo, poderão ser encontrados, de forma incipiente, conceitos sobre a saúde muito próximos, em certa medida, da moderna definição da OMS.

PALAVRAS-CHAVE. Medicina antiga; saúde na Grécia Antiga; literatura grega; língua grega; poesia grega.

χῶστις μὲν νούσοισιν ὑπ' ἀργαλέησι πιεσθῆι,  
ὡς ὑγιῆς ἔσται, τοῦτο κατεφράσατο.  
Sólon, *fr.* 13.37-8

A saúde é um dos mais importantes componentes da qualidade de vida de indivíduos e de populações (Buss, 2000). Em nossos dias, a Organização Mundial de Saúde (OMS)<sup>1</sup> definiu “saúde” como ‘um estado de completo bem-estar físico, mental e social’ (WHO, 2004, p. 1) e também enfatizou, no final do primeiro parágrafo de sua carta de constituição, datada de 1946, que saúde não é ‘apenas a ausência de doença ou de enfermidade’<sup>2</sup>, contrapondo, assim, a moderna definição de saúde ao entendimento, antigo de muitos

---

\* Doutorando da FFLCH-USP, área de Letras Clássicas. Membro dos grupos de pesquisa *Estudos sobre o Teatro Antigo* (USP) e *O trânsito de saberes na Grécia Clássica* (UFRJ). Página Web: <http://warj.med.br>. Artigo baseado na comunicação apresentada no I Simpósio Internacional de Estudos Antigos – IV Seminário Internacional Archai (“Saúde do homem e da cidade na Antigüidade Greco-Romana”), Santuário do Caraça, MG, 28 de maio a 1º de junho de 2007.

<sup>1</sup> OMS (= WHO, World Health Organization).

<sup>2</sup> ‘Health is a state of complete physical, mental and social well-being and not merely the absence of disease or infirmity’ (WHO, 2004, p. 1).

séculos, de que a saúde envolve tão-somente a ausência de doenças.

Esse conceito relativamente restrito, dominante em várias culturas da Antigüidade, esteve presente também na mais antiga cultura letrada da Europa, a dos antigos gregos. O binômio “saúde = ausência de doença” aparece nos fragmentos dos filósofos pré-socráticos Empédocles de Acragás, Alcmeon de Crotona e Diógenes de Apolônia, todos eles ligados de alguma forma à medicina, e nos textos médicos da coleção hipocrática.

Entre os filósofos pré-socráticos, o fragmento de Alcmeon de Crotona sobre a *ισονομίαν τῶν δυνάμεων*, ‘isonomia das forças’ contrárias (fr. 4), datado de 500 a.C. ou 450 a.C., aproximadamente<sup>3</sup>, conceitua a saúde em termos fisiopatológicos. Na coleção hipocráticaos textos privilegiam, de modo geral, a descrição de tratamentos que visam restabelecer a saúde perdida, como se vê em alguns dos mais antigos tratados da coleção<sup>4</sup>: *Da Medicina Antiga* (Hp. VM 19), *De Ares, Águas e Lugares* (Hp. Aër. 2; 5; 7; 10; 22), *Prognóstico* (Hp. Prog. 1) e *Da Dieta nas Doenças Agudas* (Hp. Acut. 3; 25). Um tratado posterior, *Περὶ διαίτης ὑγιεινῆς* (lat. *De diaeta salubri*), diz o seguinte: ἄνδρα δὲ χρῆ, ὅς ἐστι συνετός, λογισάμενον ὅτι τοῖσιν ἀνθρώποισι πλείστου ἀξιόν ἐστιν ἢ ὑγιείη, ‘o homem sagaz deve considerar que, para os homens, a saúde é o [bem] mais valioso’ (Hp. *Salubr.* 9 = *Aff.* 1; cf. VM 3). Por outro lado, recomendações para manter a saúde, sem perdê-la, são relativamente comuns em textos tardios escritos por não-médicos, como o tratado *Instruções para a boa saúde* (Υγιεινὰ παραγγέλματα, lat. *De tuenda sanitate praecepta*), de Plutarco (c. 50-120 d.C.). Nesse texto, Plutarco defende bons hábitos, como os exercícios regulares, e condena o excesso de bebida, de comida, de luxúria e de outras auto-indulgências. Como era de se esperar, a saúde era — e é — um tema que interessa médicos e leigos.

Bem antes dos filósofos pré-socráticos e dos médicos hipocráticos, entre a segunda metade do século VIII a.C. e o final do do século V a.C., observações ocasionais e isoladas de autores leigos sugerem que já se pensava na saúde como algo que transcendia a simples ausência de doença. Examinarei, a seguir, as contribuições leigas ao conceito de saúde; a contribuição dos médicos gregos pré-hipocráticos e hipocráticos, assim como a de intelectuais do século IV a.C. preocupados com a medicina e a saúde, tais como Platão e Aristóteles, será abordada em outro artigo.

Em nossos dias, a diferença entre médicos e não médicos é simples de estabelecer, pois os médicos recebem educação e treinamento específicos e são ligados a Conselhos de Medicina, que estabelecem requisitos e parâmetros definidos para a prática da profissão. Entre os gregos antigos, por outro lado, o termo “médico” era usado de forma relativamente ampla, como se depreende do testemunho de Aristóteles (Arist. *Pol.* 1282a):

ιατρὸς δ' ὁ τε δημιουργὰς καὶ ὁ ἀρχιτεκτονικὸς καὶ τρίτος ὁ πεπαιδευμένος περὶ τὴν τέχνην (εἰσὶ γὰρ τινες τοιοῦτοι καὶ περὶ πάσας ὡς εἰπεῖν τὰς τέχνας).

é médico aquele que pratica a arte, o que conhece profundamente a arte e, em terceiro lugar, aquele que foi educado a respeito da arte (pois há alguém desse tipo, por assim dizer, em todas as artes)

<sup>3</sup> Para as datas de Alcmeon, ver Lloyd (1991, p. 168, nota 6).

<sup>4</sup> Segunda metade do século V a.C. (ver Jouanna, 1992, p. 527-63).

Durante a Antiguidade, para se apresentar como médico e tratar doentes não era obrigatória nenhuma qualificação formal ou licença especial<sup>5</sup>; daí a enorme variedade na formação, competência e ética dos que se intitulavam, ou eram considerados “médicos”. Isso dificulta, conseqüentemente, a correta caracterização do “leigo em medicina”. Para simplificar, no âmbito deste trabalho foram considerados “leigos” aqueles que reconhecidamente não viviam da prática da medicina, nem a ensinaram e nem escreveram sobre temas médicos específicos<sup>6</sup>.

A palavra ὑγίεια, ‘saúde’, deriva do adjetivo ὑγιής, ‘são’. No Período Clássico, qualificava o bom funcionamento do corpo e da mente, e ainda a ausência de males de várias espécies. Esses conceitos estão bem documentados nos diálogos platônicos, em que [ὑγίεια] ὄνομα ἐστὶν ἐν τῷ σώματι τῷ ἐκ τῆς τάξεώς τε καὶ τοῦ κόσμου γιγνομένῳ;, ‘[saúde] é o nome que se dá ao estabelecimento da regularidade e da ordem no corpo’ (Pl. *Grg.* 504b), em Eurípidés (*passim*, v.g. *Andr.* 944-53, *Hel.* 744-7, *Ph.* 200-1, *Or.* 590) e em outros. Compunha-se, originalmente, dos elementos indo-europeus \*su e \*g<sup>w</sup>iy, acrescidos dos sufixos -ēs- e -ya; \*su corresponde ao advérbio grego εἶ e \*g<sup>w</sup>iy-ēs- forma o radical de palavras indo-européias que significam ‘vida’, como o grego βίος, o latim *uiuus* e o lituano *gyuas*<sup>7</sup>. Desde o início, ὑγιής e derivados, como o substantivo ὑγίεια e os verbos ὑγιάζω, ‘eu curo’ e ὑγιαίνω, ‘estar com boa saúde’, foram celebrados pelos poetas e prosadores arcaicos e clássicos como um bem desejável e precioso, quase sempre em contraposição ao estado de doença.

Na *Ilíada* (c. 750 a.C.), o vocábulo ὑγιής tem o sentido de ‘bom’, ‘saudável’: μῦθος δ' ὅς μὲν νῦν ὑγιῆς εἰρημένος ἔστω, ‘que o discurso, saudável para o momento, seja o que proferi’ (*Il.* 8.524). Dentre os fragmentos atribuídos a Hesíodo (c. 700 a.C.), encontra-se a forma verbal ὑγιαστῆναι, aor. inf. pass. de ὑγιάζω, ‘eu curo’ (*fr.* 7.10), mas convém lembrar que se trata, na realidade, de um relato indireto e tardio da lenda de Órion, conservada pelo Pseudo-Eratóstenes<sup>8</sup>. Pode ter ocorrido, conseqüentemente, uma “contaminação” da passagem por um termo empregado em época não muito antiga. Um fragmento atribuído a Safo ou a Alceu (ambos *fl.* 600 a.C) contém, com mais certeza, as palavras originais (*fr.* 18); nele, o vocábulo ὑγίεια é usado pela primeira vez na língua grega, mas a falta do contexto não permite uma análise acurada:

- < > ὀνίαν τε κύγείαν ...
- < > σα φύγοιμι, παῖδες, ἄβα ...
- < > tristeza e saúde ...
- < > sa eu escaparia, crianças, e ele(a) teria o vigor dos anos ...

<sup>5</sup> Ver uma breve discussão sobre a formação do médico grego e sobre seus “competidores” (curandeiros, charlatães, etc.) em meus comentários aos tratados hipocráticos *Lei e Do decoro* (Ribeiro Jr., 2005, p. 172-3 e 204-5).

<sup>6</sup> Platão e Aristóteles, por exemplo, muito escreverem sobre os médicos e a medicina, mas de forma incidental. Platão conhecia, certamente, os tratados hipocráticos (ver Frias, 2001).

<sup>7</sup> A consoante indo-européia g<sup>w</sup>, lábio-velar não aspirada, evoluiu para a oclusiva labial grega β em diversas situações (ver Grammont, 1948, p. 181-3).

<sup>8</sup> Ver *Catasterismos*, do Pseudo-Eratóstenes (Eratosth. *Cat.* 32).

Uma das máximas (*apophthegmata*) de Anacarsis, lendário cita que teria vivido no século VI a.C. e foi colocado por Estrabon e por Diógenes Laércio entre os Sete Sábios da Grécia (Str. 7.3.9 e D.L. 1.13), contém igualmente a palavra *ύγεία*: κίρναμένου κρατῆρος ἐφεστίου τὸν μὲν πρῶτον ύγείας πίνεσθαι, ‘ao misturar uma cratera em casa’, beber primeiramente à saúde’ (10.6). Lembremo-nos, igualmente, que essas máximas são parte da tradição gnômica grega e foram recolhidas e escritas muito tempo depois do século VI a.C.

Entre os fragmentos dos poetas líricos e dos filósofos pré-socráticos, apesar das dificuldades habituais, pisamos terreno mais firme. Sólon (*fl.* 594 a.C.) sintetizou a postura da humanidade diante da doença e da saúde, que é também a visão preponderante do binômio “saúde = ausência de doença”, em dois elegantes versos elegíacos (*fr.* 13.37-8):

χῶστις μὲν νόσοισιν ὑπ' ἀργαλέησι πιεσθῆι,  
ὡς ύγιῆς ἔσται, τοῦτο κατεφράσατο,

e qualquer um, por terríveis doenças esmagado,  
pensa apenas nisto: como ficar são.

Anacreonte (*fl.* 536 a.C.) destacou a associação entre ‘juventude e saúde’, νεότης τε κ'ύγιείη (*fr.* 59) e, indiretamente, entre velhice e falta de saúde. Heráclito de Éfeso (*fl.* c. 500 a.C.) dizia, com sua habitual acidez, que νοῦσος ύγιείην ἐποίησεν ἡδὺ καὶ ἀγαθόν, ‘a doença torna a saúde doce e bela’ (*fr.* 111). Para Píndaro (c. 522-446 a.C.), a saúde é ‘de ouro’, ύγείαν χρυσέαν (*Pyth.* 3.73) e deve ser cultivada juntamente com a prosperidade, ύγιέντα δ' τις ὄλβον ἄρδει (*Ol.* 5.23)<sup>9</sup>. Uma das mais longas passagens sobre saúde e ausência de doenças, composta por Baquílides (c. 520-450 a.C.), nos lembra que, entre os mortais, ter saúde é uma grande alegria (B. 1.165-71):

(...) Εἰ δ' ύγείας θνατὸς ἐὼν ἔλαχεν ζώ- ειν τ' ἀπ' οἰκείων ἔχει, πρῶτοις ἐρίζει παντί τοι τέρψις ἀνθρώπων βίωι ἔπεται νόσφιν γε νόσων	165
πενίας τ' ἀμαχάνου.	170
E se à saúde um mortal é destinado e vive de suas posses, com os mais importantes ele rivaliza. Em toda vida humana há alegria,	165
se ela segue à parte de doenças, necessidade e falta de recursos.	170

Note-se que Baquílides referiu-se à saúde como uma espécie de concessão divina, um

<sup>9</sup> Cf. Soph. *fr.* 354.5-7, conservado por Estobeu (4.31.28): εἰσὶ δ' οἵτινες αἰνοῦσιν ἄνοσον ἄνδρ'· ἐμοὶ δ' οὐδεὶς δοκεῖ εἶναι πένης ὢν ἄνοσος, ἀλλ' αἰεὶ νοσεῖν, ‘há os que louvam o homem sem doença; a mim parece que ninguém que é pobre está sem doença, mas está sempre doente’.

componente do destino de cada homem — o sentido está implícito no verbo λαγχάνω, presente no verso 166. Décadas mais tarde, em 414 a.C., Aristófanes apresentaria esse conceito explicitamente: πῶς δ' ὑγίαιαν δώσουσ' αὐτοῖς, οὔσαν παρὰ τοῖσι θεοῖσιν; 'como daremos saúde a eles, se ela está junto aos deuses?' (Av. 603).

Em 458 a.C., a audiência ateniense deparou-se, durante a representação da *Orestéia* de Ésquilo, com a interessante noção de que saúde e doença estão separadas por uma barreira relativamente tênue, como dois vizinhos que 'atacam uma parede comum' a ambos, ὁμότοιχος ἐρείδει (Ag. 1001-5). Na última tragédia da trilogia, *Eumênides*, Ésquilo se referiu à ὑγείας φρενῶν, 'saúde dos pensamentos (ou de espírito)', como πᾶσιν φίλος καὶ πολύευκτος ὄλβος, 'riqueza amada e muito desejada por todos' (535-7). Com essa afirmação reconhecia, de certa forma, que ter saúde pode ser algo mais complexo do que não ter doenças.

Na segunda metade do século V a.C., as palavras ὑγιής, ὑγίαια e derivadas passaram a ser de uso corrente entre poetas e prosadores. Heródoto, que escreveu suas *Histórias* nessa época, utilizou-as com frequência<sup>10</sup> no sentido da simples ausência de doença ou no da recuperação de uma dada patologia, como por exemplo na história de Demócedes, médico de Crotona que tratou uma entorse de Dario I, rei da Pérsia, e ἐν χρόνῳ ὀλίγῳ ὑγίαια μιν ἀπέδεξε, 'em pouco tempo deixou-o com saúde' (3.130). Outras vezes, Heródoto recorreu a esses vocábulos para qualificar certas etnias, v.g. a dos líbios, ἀνθρώπων πάντων ὑγιηρότατοι τῶν ἡμεῖς ἴδμεν, 'os mais saudáveis de todos os homens que conheço' (4.187).

Os poetas Sófocles (c. 496-406 a.C.), Eurípides (c. 486-406 a.C.) e Aristófanes (c. 460-386 a.C.) eram contemporâneos, de acordo com as evidências disponíveis, dos mais antigos tratados hipocráticos. A julgar pela rápida difusão de idéias e conhecimentos na Atenas da segunda metade do século V a.C. (Ribeiro Jr, 2005, p. 11), é provável que suas visões sobre a saúde e a doença tenham sido um tanto influenciadas pelas idéias propagadas pelos médicos hipocráticos. Ao lado dos conceitos tradicionais sobre a saúde e a doença física ou mental, v.g. Soph. *Phil.* 1006, Eur. *Cyc.* 259, *Andr.* 448, *Or.* 233-6, *Bacch.* 947-8 e Ar. *Nub.* 1273-9, Ar. *Pax* 95, Av. 604 e 1211-14, *Lys.* 1228, *Plut.* 364 e 507, Eurípides e Aristófanes apresentaram conceitos inovadores sobre a saúde, incrementando e até ultrapassando o antigo binômio. Eurípides, no *Hipólito* (428 a.C.), afirmou que (261-3)

βίотου δ' ἀτρεκεῖς ἐπιτηδεύσεις  
φασὶ σαφάλλειν πλέον ἢ τέρπειν  
τῆι θ' ὑγίαια μᾶλλον πολεμεῖν·

práticas de vida rigorosas,  
dizem, levam mais à queda do que à plena satisfação  
e fazem excessiva guerra à saúde.

O poeta, aparentemente, tinha consciência de que excessivo rigor na condução das obrigações da nossa vida acarretam agravos à saúde; um médico de nossos dias, dirigindo-se a um paciente, certamente diria algo muito semelhante... Quanto a Aristófanes, em *Aves*

<sup>10</sup> Em 17 passagens, pelo menos.

(414 a.C.), o poeta atrelou a saúde ao bom andamento dos negócios (603-5):

ΠΙ. ἦν εὖ πράττωσ' οὐχ ὑγίεια μεγάλη τοῦτ' ἐστί;  
 ΕΥ. σάφ' ἴσθι,  
 ὡς ἀνθρωπός γε κακῶς πράττων ἀτεχνῶς οὐδεις ὑγιαίνει.  
 ΠΙ. Se os negócios vão bem, isso não é o principal para a saúde?  
 ΕΥ. É óbvio,  
 pois nenhum homem tem saúde se os negócios vão mal.

Acrescento, a título de curiosidade, que a expressão *σῶν καὶ ὑγιῆς* (ou *ὑγιᾶ*), ‘são e salvo’ tornou-se corrente nesse período (v.g. *Thuc.* 3.43.3 e *Pl. Ti.* 82b.5) e que um pouco antes mais tarde, no início do século IV a.C., a palavra “saúde” foi também empregada no sentido de recuperação dos males do amor (*Xen. Mem.* 1.3.13)<sup>11</sup>.

Para complementar o estudo dos conceitos de saúde entre os intelectuais gregos anteriores a 400 a.C., examinarei brevemente a questão do aparecimento de Ὑγία (‘Hígia’), filha de Asclépio, divindade associada à saúde. Hígia não dispunha de nenhuma lenda em particular, mas estava quase invariavelmente presente no culto prestado ao seu pai, o herói-deus da medicina, em Atenas, Corinto, Argos, Epidauro e Cós, entre outras póleis. As mais antigas referências a Hígia são fragmentos dos poetas Cálías e Crítias (*Call. Com. fr.* 4.1 e *Critias fr.* 6.20), que viveram durante a segunda metade do século V a.C. O juramento hipocrático, que menciona a deusa Hígia na invocação, ὄμνυμι Ἀπόλλωνα ἱητρὸν καὶ Ἀσκληπιὸν καὶ Ὑγίαν καὶ Πανάκειαν, ‘juro por Apolo médico, Asclépio, Hígia e Panacéia’ (*Hp. Jusj.* 1-2), é um pouco posterior<sup>12</sup>.

Tudo leva a crer que Hígia “surgiu” em algum momento do século V a.C., quando o grande afluxo de fiéis aos santuários de Trica, Epidauro, Cós, Pérgamo e outros centros desencadeou, em certa medida, “extensões” do mito de Asclépio. Parece-me razoável imaginar que a divindade da saúde tenha aparecido na mesma época e nos mesmos lugares em que os templos dedicados a Asclépio começaram a florescer. Outra evidência da origem “tardia” de Hígia é a ocorrência de informações a seu respeito apenas em textos relativamente tardios, v.g. Pausânias (1.23.4; 5.20.3) e *Sch. ad Plut.* 639 e 707. É possível que o maior uso de palavras ligadas à saúde, o florescimento do culto de Asclépio nas póleis gregas e o aparecimento de uma divindade que personificava a saúde sejam, a um só tempo, conseqüência do grande interesse de filósofos, médicos e outros intelectuais do Período Clássico no funcionamento do corpo humano em geral e na medicina, em particular.

Arifron, poeta lírico de Sicíon, compôs, por volta de 400 a.C., um hino a Hígia, conservado por Ateneu, do qual apresento um pequeno extrato (*Deipn.* 15.63.1-2; 10):

<sup>11</sup> A ligação entre amor e doença já estava presente bem antes, como se vê no *Hipólito* de Eurípides (477-8), tragédia representada em 428 a.C.

<sup>12</sup> A datação do *Juramento de Hipócrates* é controversa e ainda um tanto indefinida: já foram propostas datas recuadas, como c. 400 a.C., ou tardias, como 325-300 a.C. No momento, o mais razoável é colocar a data dentro de limites bem amplos, v.g. todo o século IV a.C.

Ἕγεία βροτοῖσι πρεσβίστα μακάρων,  
 μετὰ σεῦ ναίοιμι τὸ λειπόμενον βιοτᾶς,  
 οὐδέ μοι πρόσφρων ξυνείης·

.....  
 σέθεν δὲ χωρὶς οὔτις εὐδαίμων ἔφυ.

Hígia, dos bem-aventurados a mais honrada pelos mortais,  
 oxalá eu viva contigo o resto da vida  
 e tu permaneças contente ao meu lado.

.....  
 Separado de ti, ninguém cresce feliz.

Concluo esta breve exposição afirmando que os antigos gregos, embora caracterizassem primariamente a saúde como ausência de doenças, já intuía, de modo independente e não sistematizado, que para se ter saúde eram importantes não só a falta de doenças e o equilíbrio físico e mental, como também o bem-estar social. Tais noções se aproximam, guardadas as devidas proporções, do moderno conceito de saúde preconizado pela OMS.

## REFERÊNCIAS

BUSS, P.M. *Promoção da saúde e qualidade de vida*. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 2000, p. 163-77.

FRIAS, I.M. *Platão, leitor de Hipócrates*. Londrina: Editora da Univeridade Estadual de Londrina, 2001.

GRAMMONT, M. *Phonétique du Grec Ancien*. Lyon: IAC, 1948.

JOUANNA, J. *Hippocrate*. Paris: Fayard, 1992.

LLOYD, G.E.R. Alcmaeon and the early history of dissection. In \_\_\_\_\_, *Methods and Problems in Greek Science*. Cambridge: University Press, 1991, p. 164-93.

RIBEIRO JR., W.A. ‘Hipócrates de Cós’, in H.F. CAIRUS & \_\_\_\_\_, *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2005, p. 11-24.

\_\_\_\_\_, ‘Lei’, in H.F. CAIRUS & \_\_\_\_\_, *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2005, p. 169-77.

\_\_\_\_\_, ‘Do decoro’, in H.F. CAIRUS & \_\_\_\_\_, *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2005, p. 193-210.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. ‘Constitution’, in \_\_\_\_\_, *Basic Documents*, 45<sup>th</sup> ed. Geneva, 2004, p. 1-18.

**ABSTRACT.** *Absence of disease and the concept of health among ancient Greeks.* The World Health Organization (WHO) emphasizes, in its constitution, that health is not merely the absence of disease or infirmity, opposing itself to the old concept that health only involves the absence of illness. Among the Greeks, the binomial “health = absence of illness” approach was mentioned by the presocratic philosophers and by physicians who wrote the texts of the *corpus hippocraticum* and by lay intellectuals not skilled in medicine. Among non-systematized notions transmitted mainly by non-physicians, discussed in this article, we can find health concepts in incipient form very close, in some ways, to WHO modern definition.

**KEYWORDS.** Ancient Medicine; health in Ancient Greece; Greek literature; Greek language; Greek poetry.